

CASIMIRO DE ABREU - AS *PRIMAVERAS*

Pedro Luiz P. de Souza

Quereis por ventura vaguear livremente no meio de sonhos e flores, entre sorrisos e galas nesse jardim sempre viçoso, que se chama mocidade? Quereis, pondo de parte o mundo e suas teorias positivas, vos embalar por alguns momentos nos braços da fantasia às melodias ternas e queixosas da lira do coração? Quereis levar algumas horas pensativo e mudo, bebendo a vida em um raio ardente de sol dos trópicos, a esperança no anil do céu e o amor nas nuvens douradas que brincam no horizonte?

Com a mão no peito e a franqueza nos lábios, ninguém ousará dizer – não.

Moço ou velho, alma cheia de fogo ou coração enregelado, todos amam no fundo a natureza com suas festas, a vida com seus esplendores e a mocidade com seus devaneios. Se assim é, abre comigo as *Primaveras* de Casimiro de Abreu.

Juvenília! Juvenília! Dizia um poeta latino ao recordar-se das luminosas aparições que nos arrancam dos sonhos pueris da primeira idade, e das concepções fogosas que brotam do cérebro e do coração do mancebo. Juvenília! Juvenília! É a voz de todos.

Aquele, no verdor dos anos com o olhar iluminado pela esperança e tentando avidamente rasgar o céu que lhe encobre o futuro, pronuncia essas palavras sagradas; bem como este, que, de cabeça encanecida e fronte sulcada de rugas, se volve com saudade para os destroços de um passado morto e se lembra das flores que há muito murcharam.

Hino de entusiasmo ou elegia fúnebre, o grito é o mesmo. Aquele outro deixa escapar essas vozes sentidas na solidão da floresta ou no silêncio de seu gabinete; para o mundo seu rosto é calmo, sua fala, firme, e a alma não se desenha na pupila dos olhos.

Este não: escreve a divisa na bandeira altiva e não tem medo de que o sol venha alumiá-la. Ali a concentração e o mistério, aqui toda a expansão de uma alma virgem, porém sempre juvenília! Juvenília!

No livro de C. de Abreu encontram-se belas variações sobre esse tema universal. Folheei essas páginas singelas, vosso coração baterá, muitas e brandas imagens virão cercar-vos; *Primaveras* é uma obra escrita com toda sinceridade de um coração novo e ao fogo de uma imaginação incendiada. Ao traçarmos estas linhas não temos em mira escrever uma crítica: é mais modesta nossa aspiração.

Relatar puramente as idéias que suscitou-nos a leitura desses versos é tudo que almejamos. É a confissão franca das diferentes sensações que de nós se apoderaram quando seguimos o poeta no país encantado de suas *Primaveras*, confissão simples, é verdade, porém cordial.

As *Primaveras* formam uma coleção de harmonias singelas, como é singelo o coração, e ao mesmo tempo ardentes, como é ardente a febre: são cantos da mocidade.

Quando se abandona o colo de uma mãe querida e se entra no mundo, cena grande cheia de luzes e de bulício, a comoção é violenta, a alma estremece e... e começam os sonhos. E como é belo sonhar!

A imaginação cria um mundo à parte, rodeado de horizontes todos novos; atira-se por aí além, rindo e folgando, seguindo seus caprichos de menina volúvel, na voz da brisa escuta harmonias do céu e vai trocando ternos olhares com alguma virgem que ela mesma ideou e que só ela vê.

A par dos sonhos, aparecem nas primaveras dessas cenas que fazem esquecer as dores de um passado inteiro, cobrem de flores o presente e tornam-se uma fonte inesgotável de mágoas para o futuro.

Cenas como todos almejam e como alguns apreciam são lindas paisagens do *Chanson*

dos amores, os caminheiros do deserto as avistam de longe, e felizes aqueles que chegam a gozar as suas delícias!

Se tudo isso, porém, vive e palpita no belo livro de Casimiro de Abreu, não faltam as cores sombrias. Que quereis? No sorrir do mancebo aparece às vezes uma contradição irônica, um vislumbre de tristeza, fraco lampejo de alguma dor secreta.

Nas primaveras há flores sepulcrais ao lado de flores festivas.

No primeiro livro há desses versos que brotam do coração quando pelo cair da tarde a doce virgem da melancolia vem nos enlaçar em seus braços. Derrama-se então muita lágrima; porém são lágrimas que aliviam e consolam: a melancolia é uma bela companheira.

Por isso também não é das harmonias que ela inspira que falamos presentemente, mas sim da última parte do volume e sobretudo do Livro Negro, onde se percebe o cunho de uma idéia grave e um espírito sob a impressão de algum sentimento triste.

Leopoldo Roberto achava-se um dia entregue aos mais agradáveis sonhos de ventura, seu rosto era altivo, seu olhar brilhante; tomou o pincel e desenhou com efusão a linda cena *Le carnaval de Venise*. Dias depois o artista esmoreceu e, sobre a mesma tela, mesmo em cima daquelas figuras alegres, pintou – *Le depart des pecheurs*.

Foi um sorriso sufocado por um soluço, diz Pelletans, o narrador desta cena. Casimiro de Abreu, depois de cantos de vida e amor, escreveu o Livro Negro. São suas últimas vozes, e por isso fecha-se o livro das primaveras com o coração mergulhado em tristeza.

Porém não importa, iremos ouvindo as suas canções, embora depois os ecos fúnebres nos arranquem dos sonhos.

O poeta coloca o ramalhete de suas flores sob o olhar terno e compassivo: esse olhar será seu *talisman*, seu *palladium*, e ao terminar assim diz:

Se entre as rosas das minhas primaveras
Houver rosas gentis de espinhos nuas,
Se o futuro atirar-me algumas flores,
As palmas do cantor são todas tuas.

A prece já foi murmurada, agora pode a lira entoar seus cantos.

O livro primeiro das *Primaveras* tem um tom dominante, que é a saudade. A saudade não tem dois sentidos. Não é a tristeza que, se desenhando no rosto daquele que abandona o berço natal, desaparece quando desaparece a sombra do amigo que da praia acena um adeus; não é a tristeza que some quando somem-se as serranias nos confins do horizonte.

A saudade é outra.

É o sentimento que nos acompanha longe do teto paterno, dia por dia, em todos os passos. Dizem que tudo morre com o tempo; a saudade foge dessa regra: à medida que os minutos se escoam, vai ela tomando mais vastas proporções.

Casimiro de Abreu teve de partir criança ainda para fora de seu país; abandonou o solo da pátria e foi viver algum tempo em Portugal. Daí cantos saudosos, aspirações queixosas de quem precisa para viver do ar embalsamado de sua terra.

Das suas composições intituladas *Canção do exílio*, a que mais nos agrada é a segunda: a primeira é mimosa, porém faz lembrar um pouco a de Gonçalves Dias, que tem o mesmo título.

Além disso, a outra é mais sentida e vê-se mesmo que foi escrita sob toda influência da melancolia serena, que desperta a saudade do céu americano.

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus, não seja já,
Eu quero ouvir na laranjeira à tarde
Cantar o sabiá.

É a oração do moço que, cedo arrebatado de um mundo cheio de luz e de perfumes, quer expandir-se ao sol da pátria e embriagar-se de poeira e de vida.

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
As folhas por docel
E ver se apanho a borboleta branca
Que voa no vergel.

Os versos correm sonoros e tristes, como as cachoeiras de que nos fala o poeta; foi sem dúvida uma canção modulada pelas horas plácidas da noite, à lembrança do luar tranqüilo de sua terra.

Um dos característicos notáveis do Sr. Abreu é a singeleza de expressão. Nada de frases enredadas e locuções difíceis; fala sempre a linguagem do coração. Por isso todos podem ler seus versos.

Não é desses poetas enigmáticos, cujo prazer é cravar uma pedra luzente, muitas vezes sem ser diamante, no meio de mil variados arabescos e complicados relevos, pensando que assim brilha mais; não é desses, cuja arte consiste em acabrunhar um pensamento simples, quando não é vulgar com palavras sesquipedaes e atroantes, como o rimbombo do canhão.

Demais, o nosso jovem poeta é sempre íntimo. Não se arreceia de levar o leitor ao tabernáculo sagrado de suas recordações e mostrar-lhe as relíquias memorandas que aí conserva religiosamente: esperanças em flor ou esperanças murchas; – sorrisos, impressões de criança, lembranças ternas, ligando-se às vezes a pequenas coisas – tudo aparece.

No gênero familiar aparecem os belos dotes que acabamos de apontar à sua verdadeira luz.

A pátria encerra tudo que há de mais caro para o homem. Não é só a brisa que balançou

nosso leito de menino, e os esplendores da natureza que nos cercou de suas galas. É também o lar da família, as sombras amigas que nos rodearam nos primeiros passos, é sobretudo a voz que nos acalentou nos choros infantis. Que céu de poesia não se encontra ali!

Hugo, o poeta desterrado, cabeça imensa, onde fuzilam os grandes pensamentos, como fuzilam os relâmpagos na crista de altaneira montanha, criou-se assim, pode-se dizer, a escola da família na poesia.

Espírito cheio de crenças, de lealdade e de valor, sua lira desprende sons altivos ao desenhar o caráter magnânimo de Ruy Gomes e o vulto soberbo do velho Titan do Reno, Job, o *Excomungado*, que içava na torre de seu *burg* um formidável estandarte de luto, que a tempestade vinha torcer no seu turbilhão negro.

Imaginação arrebatada e voluptuosa, foi buscar no Oriente aquelas imagens graciosas da Grécia, e, ao passo que desvendava com todo o mimo os mistérios encantadores do Harém, tremia de entusiasmo no meio de exalações guerreiras acompanhando Canaris na sua barca pelas ondas azuis do Mediterrâneo.

No entretanto é o mesmo homem que alimentou com seus cantos e embalou nos seus braços essa outra poesia, tão rica como a primeira, conquanto mais modesta, poesia que não tem como horizonte o céu franjado de nuvens encantadas, porém unicamente as quatro paredes de uma casa; poesia que não segue o vôo altivo do condor, mas acompanha simplesmente o novelo de fumo que se escapa do teto.

Divina, porém, é ela na sua simplicidade. As lutas do mundo prostram o corpo e o espírito; as agitações convulsivas e burlescas disso que se chama sociedade aquebranta as forças, e no redemoinho da vida bebe-se muita lição de descrença. Então a casa da família se abre, o peito respira melhor, e a gelidez que se apoderou da alma some-se no meio de pessoas queridas, aos raios vivificantes do fogo doméstico.

Hugo, no meio de sua mulher e de seus filhos, canta e chora. E quanta mágoa não foge

ao som de seus cantares!

Casimiro de Abreu é, como já dissemos, mui feliz nesse gênero.

Lêde aquela ingênua poesia, *Meus oito anos*, e vereis com que amenidade se entrelaçam as lembranças da casa que o viu nascer.

Oh! Dias de minha infância!
Oh! Meu céu de primaveras!
Que doce vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã.

E depois:

Livre filho das montanhas
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito
Pés descalços, braços nus,
Correndo pelas campinas,
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis.

Minha mãe é repassada de unção e sentimento:

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus.
Quem é que meus lábios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
Minha mãe! –

No lar é uma das melhores peças do volume. O coração aí está todo inteiro.

No lar – descreve o poeta sua volta à pátria: primeiro a alegria, depois recordações íntimas e em seguida o entusiasmo santo, avidez de sol e de amor. São desses versos

que se lê com os olhos úmidos.

O desterro teve um fim; eis o proscrito no meio das sombras de sua infância:

Eis-me na pátria, no país das flores,
O filho pródigo a seus lares volve,
E consertando as suas vestes rotas
O seu passado com prazer revolve.

Eis meu lar, minha casa, mais amores,
A terra onde nasci, meu teto amigo;
A gruta, a sombra, a solidão, o rio,
Onde o amor me nasceu, cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,
Árvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! Como és linda minha terra d'alma,
Noiva enfeitada para seu noivado!

Tudo é belo aí: as reminiscências aparecem em borbotões e a alma se refaz nessa viagem pelo campo do passado.

Quem poderá ler estes versos de C. de Abreu, sem sentir um estremecimento no coração?

E a casa? As salas, estes móveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro,
O quarto do oratório... a sala grande,
Onde eu temia penetrar no escuro.

Quem não terá na vida páginas irmãs desta?

E ali naquele canto... o berço armado!
E minha mana tão gentil dormindo...
E mamãe a contar-me histórias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

O resto é prece fervorosa de amor, hino de fé e de esperança.

No lar é a poesia mais íntima e familiar do nosso poeta.

Ocupar-nos-emos agora de suas Brazilianas.

A poesia nacional brasileira vai deixando pouco a pouco as formas vagas da utopia e desenha-se aos olhos de todos com os traços firmes da realidade. A nuvem, simples camada de vapores, toma de dia para dia as formas mimosas de uma donzela.

Da crisálida pura, muito imaginária, vai nascendo uma linda borboleta.

A mudança estava na ordem dos fatos.

A poesia nacional não é mais do que a epopéia animada, onde se vêem gravar as idéias e os costumes de um povo e a natureza de um país com suas imagens horrendas e sedutoras.

Toda nação tem essa epopéia, livro de páginas particularíssimas, e cuja cor é verdadeiramente local, porque suas feições aí se estampam fielmente, bem como o céu azul ou negro se reflete no lago, bem como o rosto feio ou bonito se reflete no espelho.

Parece que a realidade da poesia nacional está hoje suficientemente demonstrada e geralmente aceita.

Conquanto assim seja, muitos há que duvidam da sua existência entre nós.

Apela-se para a falta de tradições, diz-se que os costumes não tomaram por enquanto características salientes, que o perfil da nação não se acha ainda bem desenhado. Desmentido solene a essas palavras vai aparecendo a cada momento.

Nossos tipos se desenham, e os costumes se gravam todos os dias com suma naturalidade.

Quanto às tradições parece que nosso passado não é de todo falho de festas heróicas,

que nossa história oferece ao poeta páginas belíssimas, ricos assuntos de inspiração.

Dessa verdade também não faltam evidentes provas.

Demais, a raça orgulhosa e valente que nos precedeu neste solo deixou-nos ao extinguir-se tanto mistério sagrado, tanta lenda maravilhosa, que o poeta é obrigado pela fascinação do belo a escrever esses poemas e desenhar esses heróis, agigantados como os de Homero e ao mesmo tempo simples e rudes, como filhos que eram das matas e serranias.

Nem se diga que tal fonte é vedada à poesia nacional e que de modo algum lhe pertence.

São cenas essas que se passaram aqui, onde vivemos, que espargiram seus raios sobre nossos usos, e cuja vida veio em muitos pontos se entrelaçar à nossa vida.

Com tais elementos e os denodados campeões que conta em sua falange a poeira brasileira vai ganhando terreno.

E assim é necessário.

A soberba rainha que traja esse manto imenso de campinas bordadas de florestas e montanhas, e cuja coroa são as águas do rio-gigante, deve ter uma voz sua.

Deve embocar o *boré* para entoar seus cantos de guerreira; cantar aos sons compassados do *maracá* os sonhos da indígena molemente adormecida em sua rede de penas e relatar na lira os quadros graciosos de nossa vida, acompanhando o gorjeio de nossos pássaros.

Em oposição às nossas idéias, procuram ainda alguns argumentar, considerando a questão por outro lado.

Dizem eles que a verdadeira poesia tem um ponto, um centro, à roda do qual gravitam todas as suas criações: é o espírito, a cabeça, o homem.

Dáí duas conclusões: a poesia nacional não pode existir, ou pelo menos a poesia não se deve ocupar com as tradições indígenas. Quanto à primeira porque não recebe o selo geral do homem ou antes não reflete a humanidade, e em último lugar quem penetra os profundos segredos das florestas afasta-se inteiramente do ponto em que pode encontrar essa imagem. Aceitamos o princípio e repelimos as conclusões.

A poesia acompanha sempre o homem que, com o caráter dramático da grande sociedade, quer sob a influência de costumes particulares, quer na idade primitiva, quando, filhos dos bosques, passeia livremente pela natureza. Por outras palavras, sem desprezarmos o cosmopolitismo na poesia, cremos com fé na sua nacionalidade e entendemos que o poeta se deve atirar com ardor ao estudo dessas memórias sublimes, estampadas nos nossos troncos seculares.

Moreninha e *Na rede* são dois lindos ensaios de poesia nacional.

A *Moreninha* é uma composição graciosa, ligeira, expansiva como se pode perceber pelo título: todas as sextilhas aí se acham habilmente ligadas e não há uma só que seja destituída de interesse.

Quem lê a *Moreninha* julga mesmo acompanhar uma dessas interessantes meninas que passeiam no campo a rir e a brincar, saltando pelas pedrinhas e vendo suas flores, e tem vontade de exclamar como o poeta:

Ai! vejam como é bonita
Com as tranças presas na fita
Co'as flores no samburá!

Admira-se aí uma paciência toda natural, e, ao passo que se respira o doce perfume da inocência, sente-se uns longes de malícia, porém de uma malícia cândida que enfeitiça.

Tu és bela, moreninha,
Sentada em tua banquinha,
Cercada de todos nós;

Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro,
Tu soltas também a voz:

Oh! Quem me compra estas flores?
São lindas como os amores,
Tão belas não há assim,
Foram banhadas de orvalho,
São flores do meu serralho,
Colhi-as no meu jardim.

O poeta, porém, não quer as flores do samburá, quer as flores do coração:

Eu disse então “Meus amores,
Deixa mirar tuas flores,
Deixa perfumes sentir”!

Mas naquele doce enleio,
Em vez das flores, no seio,
No seio – te fui bulir.

A menina enrubescida lá fuge pelos campos, e, ao contá-lo, diz o poeta:

Tu ias de saia curta,
Saltando a moita de murta...
Mostraste, mostraste o pé.

Moreninha é das mais mimosas poesias do volume. Deve ser lido por inteiro para convenientemente apreciar-se.

Forçoso, porém, é confessar que a *Moreninha* não está nas condições de brasileira. Não há entre nós este tipo de vendedora de flores; essa idéia é alguma reminiscência de Portugal.

É contudo justificável o título. O poeta não pinta unicamente; de seus atributos o mais sublime é o dom de criar.

Casimiro de Abreu criou, ou antes, colocou aquela imagem risonha em nossos campos

com as cores e as graças de nossas donzelas: viveza de fala, gestos e passos, gosto de discrição, tudo é nosso.

Por isso mesmo não lhe perdoamos o ter encontrado sua *Moreninha à fresca* sombra do *til*. Não deixa de destruir um pouco a naturalidade da cena.

É também digna de nota a poesia intitulada *Na rede*. A harmonia do verso é compassada e exprime perfeitamente a languidez da virgem, que se embala dormindo nessa cama engraçada das florestas.

Na rede traz à lembrança a voluptuosa *Sara la Baigneuse* das *Orientaes*.

Temos ligeiramente apreciado o Primeiro Livro das *Primaveras*. Vivemos ali na graciosa quadra da infância; passemos por agora aos arroubos da mocidade.

É no segundo livro que o poeta se expande em fervorosos cantos de amor.

Todo o poeta sente absoluta necessidade de prender ao coração a imagem feiticeira de uma mulher, que seja uma dessas formas aéreas e vagas que vêm reclinar-se à nossa cabeceira, que um desses entes divinos andam e sentem, e nos murmuram ao ouvido segredos que só o coração entende.

Realidade ou sonho, é preciso que essa imagem exista.

Qual dos poetas não almeja possuir esse ramo de ouro para penetrar os segredos de além-mundo!

Não nos referimos unicamente àqueles que passam a vida sob a impressão magnética de um raio de lirismo; não falamos unicamente dessas figuras pálidas de Azevedo e Novalis, que, segundo a frase de Blaze de Bury, não fizeram mais do que entoar tristemente um hino no jardim da poesia.

Não; é mesmo desses, em cujo cérebro está sempre em fusão alguma idéia portentosa; é dos poetas que vão estudar a humanidade com seus problemas e o mundo com seus labirintos.

Espíritos profundos, nem por isso se esquivam à lei do coração e pagam seu tributo na melhor boa vontade.

Garret, em um de seus livros mais espirituosos, falando sobre a influência do amor, acaba por estabelecer a regra – que todo o poeta deve andar sempre namorado.

Compreende-se perfeitamente.

O coração do poeta é imenso, necessita de um sentimento imenso. É uma máquina gigantesca, que deve trabalhar com material equivalente. Do contrário, ou permanecendo em vergonhosa inércia, suas numerosas e delicadas molas gastar-se-ão miseravelmente.

Verdade é que Garret com seu princípio parece exigir para o amor do poeta uma criatura em carne e osso; a tanto não chegamos nós, mas enfim curvamos a cabeça ao mestre.

Deixemos de lado certos espíritos com pretensões a uma seriedade absurda, que criticam as doces emanções do coração do poeta, e que para distraí-lo apontam-lhe unicamente horizontes vastíssimos, que nem mesmo eles enxergam. São vozes que não acham eco, nem nos jardins da natureza, nem nos recantos da alma.

Enquanto a poesia for filha do sentimento, o poeta deve-se abraçar ao amor. Como Lamartine, Casimiro de Abreu tem a sua Graziela.

O segundo livro está cheio de primorosas canções, em que se bebe o hálito puro de um peito de virgem e sente-se o vivo pestanejar de uns olhos pretos.

Observam-se dois coloridos distintos nas composições amorosas do jovem poeta.

Um são eflúvios sagrados, solenes mesmo, que rebentam do peito no ardor da paixão, outras são inspirações joviais, facetadas, moduladas junto ao sagrado objeto de um amor cândido e familiar.

Nas primeiras estão *Canto de amor, Pepita, Visão*, etc.; e nas segundas, *Cena íntima, Segredos* e mais algumas.

A bela poesia intitulada *Primaveras*, saudação às flores do coração e às flores do campo, encerra o pensamento do segundo livro.

Alegre e verde se balança no galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga
Murmura a brisa: Como é linda a rosa!
Responde a rosa: Como é doce o orvalho!

E assim acaba:

Na mocidade, na estação fogaosa,
Ama-se a vida e a mocidade é crença,
E a alma virgem nesta festa imensa,
Canta, palpita, s'extasia e goza.

Seria por demais inútil analisar as boas produções que se encontram nesse livro: além de serem em grande número, a simples leitura revela todo seu o mérito. Falaremos somente de algumas, e rapidamente.

O *Canto de amor* é a oração pura que os lábios tremem aos pés de uma mulher. A corda do amor é essencial na lira do poeta e tem sido vibrada em todos os tempos; por isso vai-se tornando cada dia mais difícil a poesia amorosa. O selo da originalidade em tais casos não é coisa de pouca monta.

Casimiro de Abreu tem a habilidade de falar do amor, quase sempre, como de uma maneira nova.

O *Canto de amor* é melodioso e sublime.

É admirável a frase elegante do poeta, não é como a onda que sabe das profundezas do abismo e se atira às nuvens, é antes como a linfa cristalina, que vai murmurando através do vale.

Oh! Vem depressa, minha vida foge...
Sou como o lírio, que já murcho cai...
Ampara o lírio, que inda é tempo hoje,
Orvalha o lírio, que morrendo vai!

Pepita distingue beleza de forma e escolha de imagens: tem certo ar de indolência que diz muito bem a uma revelação de amores neste abençoado clima tropical.

Minh'alma é um mundo virge'ilha perdida
Em lagos de cristais;
Vem – *Pepita* – Colombo dos amores –
Vem descobri-lo, no país das flores,
Sultana, reinarás.

Na *Visão* narra-se o nascimento de uma paixão; talvez seja a poesia mais natural do volume, tanto nos sentimentos como na construção e rima.

Uma noite – o poeta vê passar entre as galas da festa o rosto virginal de uma criança, e assim diz:

Eu olhei, ela olhou... doce mistério!
Minh'alma despertou-se à luz da vida,
E as vozes de uma lira e de um piano
Juntas se unirão na canção querida.

O poeta descuidou-se – a sombra fugiu,

Não voltou, talvez ela adormecesse
Junto à fonte deitada na verdura,

E sonhando a criança se recorda
Do moço que ela viu e que a procura.

E no fim:

Onde foste, visão de meus amores?
Minh'alma sem te ver louca suspira!
Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano à voz da lira?

Sempre sonhos é uma aspiração ferosa ao céu dos amores. É a história de tudo que faria o poeta ao anjo da sua vida, se porventura pudesse pender a fronte sobre seu colo. Como é sentida esta promessa!

Eu velara, Senhor, pelos seus dias
Como a mãe vela o filho que dormiu,
Se um dia ela soltasse um só gemido,
Eu iria saber porque ferida
Seu seio assim buliu!

Um pequeno parêntese. Muitas vezes o poeta, levado pela inspiração, emprega certas frases que, sem (...) negar ou destruir a idéia geral, contudo são fora de sentido.

Nem sempre se esparge, principalmente quando há beleza, mas nem por isso deixam de ser impropriedades.

Por exemplo, nesta rica poesia, *Sempre sonhos*, lê-se no fim da penúltima estrofe, quando o poeta fala de si e de seu amor:

Nós, dois cisnes vagando em manso lago,
Amor – nossos batéis.

São duas idéias que não se abraçam, para que cisnes com batéis? É um verso que caiu da pena insensivelmente. Está fechado o parêntese.

Especial menção merece o *Amor e medo*. *Amor e medo* é poesia de primeira ordem. Aí mostra o poeta a razão da afetada frieza a seu ídolo.

És bela – eu moço, - tens amor, eu medo.

Há quadras lindíssimas, por onde se vê a habilidade de versificação, de que dispõe Casimiro de Abreu; é admirável a multidão de pensamentos que ele encerra em um só verso.

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Trêmula a fala a protestar baixinho...
Vermelha a boca, soluçando um beijo...

Dize – que sina da pureza de anjo
Das vestes alvas – do candor das asas?
Tu te queimarás a pisar – descalça.
Criança louca, - sobre um chão de brasas.

E esta imagem é lindíssima.

Amor e medo é uma revelação *franca* demais, porém é revelação feita com muita arte.

Cena íntima é uma cena de ciúmes, de arrufos como se diz vulgarmente; o anjo está zangado com o poeta; com toda a graça se oferece em holocausto para pagar seus pecados.

Prende-me... nestes teus braços
Em doces, longos abraços
Com paixão.
Ordena com gesto altivo
Que te beije este cativo
Esta mão.

Mata-me sim... de ventura
Com mil beijos de ternura,
Sem ter dó.
Que eu prometo, anjo querido,
Não desprender um gemido,
Nem um só.

O *Juramento* é gracioso e cordial: é um juramento de dar quarenta beijos por dia e dez abraços por hora; *Segredos* é a semi-confissão de seus belos amores.

Quando é um interessante diálogo, (sobre) cujas personagens não é necessário dizer: é uma conversa sobre o passado: - ela se lembra de tudo; porém no fim a memória fraqueia.

Como tremias – ali, vida,
Se em mim os olhos fitavas!
Como eras linda – querida,
Quando de amor suspiravas
Naquela encantada aurora,
Ora!

E diz-me: - não te recordas
Debaixo do cajueiro –
Lá das lagoas nas bordas
Aquele beijo primeiro?
Já o dia ia findando...
Quando?!

O segundo livro das *Primaveras* está assim cheio de belas páginas: uma abundante e fácil maneira graciosa de apresentar as imagens, comparações riquíssimas, são qualidades que aí se observam a cada passo.

Não é sem comoção que passamos a tratar do terceiro e último livro das *Primaveras*.

Como dissemos, o final do volume é repassado de tristeza. As cenas da infância há muito que se acabaram, e só entre harmonias sentidas é que vem um ou outro canto sereno.

É o órgão sonoro que acorda o imenso templo da natureza com hosanas de amor e que termina lentamente em surdo murmúrio, no meio de notas graves e solenes.

É a lua, que por uma bela noite de estio, trocando seus raios de amor com os olhares pensativos de alguma virgem, ou alumando um rosto de mancebo na febre de insônia, vai finalmente sepultar-se pálida e descorada no meio da floresta escura.

Aparece aí por vezes um sorriso, alguma nota alegre, que o órgão deixa escapar entre soluços, algum raio vivo, que a luz desprende à sua morte.

E é unicamente no princípio, porque o Livro Negro é todo ele sombrio, pesaroso e dominado por uma dor profunda. O Livro Negro é o último arranco de agonia.

Minh'alma é triste é a poesia mais tocante do começo do Terceiro Livro. É assim realmente que se fala quando a dor nos abraça:

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a laje fria,
É doce e grave qual no templo um hino,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando mares.
Às vezes louca, n'um cismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando à toa,
Bem como a folha que do sul batida
Bóia nas águas de gentil lagoa!

Já tivemos ocasião de falar na beleza de comparações que se encontram nas *Primaveras*; têm quase todas um caráter de singeleza e de candura admiráveis.

Como a criança, que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quis ressuscitar nos cantos
Um só dos lírios que murchou o estio.

Ou então:

Ai loucos sonhos de mancebo ardente!
Espr'anças altas – Ei-las já tão rasas!
Pombo selvagem quis voar contente...
Feriu-me a bala no bater das asas.

A cor *lamartiniana* espalhada neste triste painel não se desmente nunca: o verso é cadenciado e terno, murmurando um queixume da alma.

Minh'alma é triste não é uma conjuração negra do destino, blasfêmia no meio de imprecações; é uma lamentação branda e melancólica.

Não é o hino em que grita de raiva, é o hino em que se chora de dor:

Dizem que há gozos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
No amor, na glória, na mundana lida
Foram-se as flores, a minh'alma é triste.

À morte de Messeder é também composição notável; a saudação a *Macedo Júnior* prima pelo vigor do pensamento, e, conquanto saudação frenética, o poeta aí derramou algumas cores negras, sempre que fala de si.

Palavras a alguém está escrita com muita verdade: é um conselho dado de coração.

Falando a *esse alguém* diz o poeta:

Conchinha das lisas praias,
Nascente em alvas areias,
Não corres tu para os charcos
Arrebatada nas cheias.
Os teus vestidos são brancos
Olha que tu te enlameias.

O baile tem seus leves toques de ironia. Quadra perfeitamente a essas donzelas que no vergel da mocidade, podendo aspirar o doce perfume que exalam as flores do céu e cultivar um amor puro e santo, que Deus abençoa, gastam toda a sua atenção no salão de baile, seus sonhos na valsa desenfreada e assim deixam correr seus dias entre um elegante *psyché* e os babados de um vestido novo.

O coração para elas é coisa inútil; pode bem ficar em casa guardado na caixinha de jóias.

Pobres criaturas! Preferem o resplendor do lustre à luz serena da divindade da noite e sabe Deus quanta nuvem de poeira não vai morrendo nessas almas de criança. Tornam-se ainda recomendáveis no Terceiro Livro a *Ilusão*, *Uma história*, *No leito* e outras mais.

Dissemos que há seus vislumbres de prazer aqui e acolá: *Sonhando* é uma prova de nossa asserção. Ao lado da cena contemporânea há a cena dramática intitulada *No jardim*.

Ela estava sentada em meus joelhos,
E brincava comigo, o anjo louro,
E passando as mãozinhas no meu rosto
Sacudia rindo seus cabelos d'ouro.

Aparece uma borboleta.

Toda azul como os olhos grandes dela,
Oh como é linda, disse o louro anjinho
No doce acento da virgínea fala;
Mamãe me ralha se eu ficar cansada.
Mas, dizia a correr, hei de apanhá-la.

A menina corre e o poeta se extasia no brinquedo infantil.

Iam, vinham à roda das acácias
Brincavam no rosal nas violetas,
E eu de longe dizia: - Que doidinhas!
Meu Deus, meu Deus! São duas borboletas.

O Livro Negro agradou-nos sumamente.

Dores é poesia de primeira ordem, não só pelo lado do pensamento, como pela convicção e alma com que foi escrita.

É das poesias que mais nos impressionaram.

Há dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguém consola,
Ou suspeita sequer!
Mágoas maiores do que a dor d'um dia
Do que a morte bebida em taça morna
Dos lábios de mulher!

Não são as dores que se experimenta por causa de uma sombra que nosso amor procura, a que o poeta se refere.

Doces falas de amor, que o vento espalha,
Juras sentidas de constância eterna
Quebradas ao nascer;
Perfídia e olvido de passados beijos...
São dores essas que o tempo cicatriza
Dos anos no volver.

O coração suspira, é verdade, a fronte se abate.

Mas depois outros olhos nos cativam
E loucos vamos em delírios novos
Arder n'outra paixão.

Então diz o poeta:

Não – a dor sem cura, a dor que mata,
E moço ainda a perceber na mente
A dúvida a sorrir
É a perda dura de um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis coroas,
Dos sonhos do porvir.

E assim vai descrevendo em versos, plangentes, e ao mesmo tempo altivos, a mágoa profunda, sob cuja influência funesta uma alma jovem sucumbe pouco a pouco.

A compressão moral começa a esmagar o peito: o coração vai perdendo todo o viço – os lábios descoram e o suicídio nos acena ao longe.

E o que acontece...

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxúria,
No leito dos bordéis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos lábios frios
Das lânguidas Phoinés.

E mais adiante:

A dor se apaga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marco-modernas
É doce então morrer.

Ainda não é tudo. Falta o mundo, que faz o mesmo ofício que o coro na tragédia antiga: está sempre de observação para aprovar ou reprovar. Por que leis? Por leis que só ele entende.

Personagem seca, fria, estúpida, seu rosto de bronze se contrai às vezes por um sorriso sardônico e com braço de ferro esmaga os criminosos que fazem oscilar um pouco sua balança infernal.

Depois o mundo diz: - Que libertino!
A folgar no delírio dos alcouces,
As asas empanou!
Como se ele, algoz das esperanças,
As crenças infantis e a vida d'alma
Não fosse quem matou.

O mundo! O mundo! É a grande palavra de todas as questões, é a grande questão de todos os dias.

Que importa ser esse legislador mau como um espírito infernal e falso como a mentira? Há de ser respeitado sempre. O que ousar perguntar-lhe em face com que direito fala ver-se-ia imediatamente condenado a um ostracismo perpétuo; proteste-se embora, fale-se em Deus, - na razão; - são palavras ocas, a sentença há de cumprir-se, porque o

mundo vale mais que tudo isso.

O canto do Livro Negro que começa:

Pobre criança, que te afliges tanto
Porque sou triste, e se chorar me vês,
É que borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hinos sem calor talvez.

É como as outras do mesmo livro, íntima e profunda.

Última folha é a última fala entrecortada de soluços; é o último grito de estertor em um leito de dores.

É a última voz e por isso lenta, grave e meio abafada. *Última folha* é o digno remate do Livro Negro.

Agora, que temos sumariamente examinado as *Primaveras*, aventuraremos algumas idéias a respeito de sua última parte, considerada no ponto de vista artístico.

Aparece hoje uma classe de falsos regeneradores, com mania de clássicos, que pretendem arrancar à poesia certos atributos, que para eles são gravíssimos defeitos.

São paladinos *aquichotados*, que querem livrar o tabernáculo sagrado da arte da injúria dos vândalos literários. Além de outras coisas, entra nos seus planos guerra encarniçada aos poetas *sombrios*, como eles chamam.

Entendamo-nos.

A poesia, filha do coração, é a sua voz, seu eco, e como tal os sons que desfere sempre devem ser fiéis. Se o coração pula, a pena corre pelo papel, e aí deixa estampado um hino de felicidade e de gratidão.

Se o coração se contrai, o hino necessariamente é de mágoa.

Por isso não admitimos que se condene com epítetos ridículos o poeta que, sem reboço, cândida e naturalmente, vem contar-nos o que sente. Será possível que se queira banir do mundo a dor, a imagem negra que vem sentar-se a nosso lado no quarto ou nos festins ruidosos, e que nos abraça mesmo quando dormimos?

Não, certamente; seria até irrisório dizê-lo: por conseguinte tal condenação é injusta.

Não queremos justificar os vãos infrutíferos dos imitadores de Byron: como todos os imitadores, tonteiam e perdem-se lá nas alturas. Porém não consentimos que se lance o estigma sobre os poetas, que, compungidos, exalam sua alma em cânticos sonoros, relatando martírios que talvez não possam ser consolados por uma voz de amigo.

Ah! Não: deixai que na poesia pelo menos o coração se espraie sempre; deixai o poeta contar tudo que o impressiona; não leveis a mal que meus lábios murmurem uma canção de agonia; a mal por quê?

“Tu homem *donc tu souffres*”, diz Chateaubriand, e há de se dizer ao poeta: “tu não tens direito de chorar?”

Não, meus senhores, não queremos afetação e estudo de sentimentos, mas sim a naturalidade e um raio de fogo divino: havendo isso, admiramos o poeta quando ele ri e o abraçamos quando ele chora.

É nossa regra.

Compreendemos toda a grandeza e liberdade da arte jamais desculparemos a esses que, à capa de regeneração, querem tirar-lhe o que ela tem de mais sublime, para depois sujeitá-la a princípios acanhados e absurdos.

A arte se fez com o gênio, e como tal é livre e é imensa.

Seguimos a opinião do chefe da escola romântica em França, ou antes do *liberalismo literário*. Quando se examina um livro não se trata de saber se o assunto é bom ou mau; porém se está bem o mal desenvolvido. Ou antes, todos os assuntos são bons.

Ainda algumas observações sobre as *Primaveras* e teremos concluído.

Casimiro de Abreu tem seus defeitos como todos os poetas.

Uma das censuras que se lhe pode fazer é o emprego de certas imagens estranhas à nossa natureza.

Ele, que sabe tão bem colorir seus versos com as cores de nosso céu e de nossos campos, para que nos há de falar por vezes em *rouxinol*, em *carvalhos* e coisas semelhantes? Porventura faltam-nos imagens sedutoras e expressivas? Não é tão esplêndido nosso solo e não oferece ele ao poeta um campo tão vasto e rico para suas fantasias?

Bem sabemos que C. de Abreu assim fala uma vez ou outra em razão de ter habitado por algum tempo país estrangeiro; porém não importa, deveria servir-se unicamente dessa linguagem tropical que diz tão bem a nossos versos.

Em maior falta incorre o poeta, quando na mesma composição coloca lado a lado os objetos de duas naturezas tão diversas. Por exemplo:

A gota de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá.

A rima do jovem poeta é uma de suas qualidades mais salientes; é sempre natural e azada. Porém não podemos deixar de pedir-lhe que se abstenha de rimar *mãe*, porque a rima com as palavras em *em* é inteiramente forçada. Na poesia *Canção de exílio*, assim

diz ele:

O país estrangeiro, mais belezas
Do que a pátria não tem,
E este mundo não vale um só dos beijos
Tão doces de uma mãe.

É isso comum nos poetas portugueses; porém não podemos acompanhá-los de modo algum.

Outras pequenas falhas tem C. de Abreu, mas são faltas de cantor na primeira idade, que o tempo dissipará, e sobre as quais não vale a pena falar.

O poeta das *Primaveras* pode incorrer na pecha de repetir algumas vezes suas imagens, nós consideraremos tal tendência como defeituosa, desde o momento em que se nos mostrar um poeta que não tenha suas imagens favoritas.

Bem entendido, não queremos o abuso de tal liberdade, porque então revela-se pobreza de imaginação e falta de bom gosto; porém a repetição com certos limites, como nas *Primaveras*, não indica nem uma, nem outra coisa.

Além disso, nas *Primaveras* há mais de uma rosa e mais de um sabiá.

Rematando aqui nosso trabalho, não podemos deixar de soltar um grito de entusiasmo e simpatia ao nosso poeta. O Brasil é um país cheio de vida; o campo da poesia é vasto como o infinito, e aí está em eterna florescência, apesar de seus eternos exploradores; o talento tem por estrela o olhar do Eterno. Por tudo isso esperamos que Casimiro de Abreu, coração de fogo e cabeça pensadora, verá um dia seu nome gravado no nosso *Pantheon* literário.

Damos agora um abraço de irmão ao poeta no meio das flores de suas *Primaveras*; oxalá que possamos fazer o mesmo quando vier o outono com seus frutos dourados.

COMENTÁRIO

Profa. Hilda Gomes Dutra Magalhães
Pós-Doutora em Teoria da Literatura/Université de Paris III/École des Études en
Sciences Sociales
Universidade Federal do Tocantins

Casimiro de Abreu é o mais popular poeta brasileiro, tendo sido seu livro de poesias *As primaveras* (1895) o primeiro *best-seller* da literatura brasileira. Não obstante, é um dos poetas menos estudados pela crítica especializada, desde a época de sua primeira edição.

Obviamente a chegada de *As primaveras* não foi ignorada pelos meios literários. Entretanto o livro não agradou totalmente aos manifestantes ou grande parte deles. Embora se mostrem unânimes em apontarem o cantor de *As primaveras* como um poeta promissor, a verdade é que, desde as primeiras manifestações da crítica, os mesmos textos que o elogiam também apontam as falhas que o maculam; falhas que, na verdade, como demonstrou Silveira (1955), eram-lhe imputadas indevidamente.

Outro fato que se deve considerar é que os grandes intelectuais da época não se manifestaram. Segundo afirma Bruzzi (1957), com exceção de Justiniano José da Rocha, que era um crítico de muito respeito na época, a maioria dos manifestantes eram amigos de Casimiro de Abreu, todos mais ou menos da mesma faixa etária, também jovens do comércio ou antigos colegas de escola, mas todos aspirantes a poetas e desconhecidos como o próprio Casimiro de Abreu, tanto na produção literária quanto na crítica. O romancista José de Alencar, o indianista Gonçalves Dias e o crítico Joaquim Noberto, apontados por Bruzzi (1957) como “os homens que faziam e desfaziam glórias de escritores” na época, permaneceram indiferentes ao surgimento do novo livro.

Apesar desse silêncio, a verdade é que, após a sua morte, Casimiro de Abreu alcançou uma publicidade até então não alcançada por nenhum poeta brasileiro. Já na primeira

quinzena de dezembro não havia mais volumes à venda na livraria de Paula Brito (BRUZZI, 1957). Vários aspectos contribuíram para esse sucesso repentino, dentre os quais citamos os rumores sobre o suposto falecimento do poeta e depois a notícia, passados três meses, da real morte do escritor, o que teria chamado a atenção do público brasileiro para sua obra e, evidentemente, o empenho dos caixeiros-viajantes em divulgar o poeta e colega de ofício pelo interior do Brasil.

Os expoentes da intelectualidade da época, entretanto, permaneceram silenciosos. Registra Nilo Bruzzi (1957) que o Cônego Joaquim Caetano publicou o livro *Literatura nacional* três anos depois e não mencionou C. de Abreu. Também Ferdinand Wolf, assessorado por Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e Araújo Porto Alegre, publicou em Berlim em 1863 o volume *Literatura Brasileira* e não incluiu o autor de *As primaveras*. No ano seguinte, entretanto, surge nova edição de *As primaveras*, publicada em Lisboa. Em 1866, na cidade do Porto, é publicada outra edição, agora acrescida das poesias publicadas em Portugal e não aproveitadas na primeira edição brasileira. Além dos poemas, a edição do Porto estampa ainda os louvores de Justiniano José da Rocha, Pedro Luiz Pereira de Souza, J. M. Velho da Silva e Maciel do Amaral.

Joaquim Noberto só se renderia à popularidade do poeta em 1870, publicando na seção “Dos brasileiros ilustres por armas, letras, virtudes, etc.”, da *Revista do Instituto Histórico*, o artigo “Casimiro de Abreu”, um longo estudo que serve de base à apresentação feita por J. Noberto na edição das obras completas de Casimiro de Abreu, lançada pela Garnier em 1870. Neste artigo, referindo-se ao livro *As primaveras* como “um primoroso ramalhete de bonitas, melancólicas e melodiosas flores”, o crítico ressalta os seus cantos “de pura inspiração, sem os atavios de requintada linguagem que revestem frases em sua nudez e pobreza de pensamentos.” O mérito de Casimiro de Abreu, segundo afirma, está na originalidade despontada da falta de artifícios, da natureza “pura e louçã” com que se exprime o poeta.

Como se percebe, o surgimento de *As primaveras*, se considerarmos o silêncio das “autoridades” literárias da época, passou em branco. O texto que transcrevemos e apresentamos ao leitor é a crítica mais completa publicada no curso de dez anos após a

divulgação do livro. Ele nos dá uma medida de como o livro era compreendido na época tanto pelos jovens críticos, amigos de Casimiro de Abreu nas lides do Comércio e que se empenharam na divulgação do autor, quanto pelo público menos instruído, consumidor da poesia casimireana.

O texto foi escrito por Pedro Luiz Pereira de Souza, em 10 de fevereiro de 1860 e publicado à página 2 do *Correio Mercantil*, no dia 19 de março de 1860, no Rio de Janeiro, seis meses após o lançamento de *As primaveras*. Como se percebe, o crítico demonstra uma grande dificuldade em manter uma linguagem mais científica. Ao contrário, ele se entrega a uma espécie de fruição do texto, se envolvendo na leitura e insistindo na paráfrase dos poemas que reputa como mais relevantes, ressaltando os matizes emotivos que o texto oferece. Mesmo assim, o texto não deixa, entretanto, de ressaltar as relações de influência que o poeta demonstra em sua obra, com Garret, Byron, Lamartine e outros, possibilitando ao leitor perceber as convergências e divergências entre essas vozes líricas, ainda que apenas sob o viés conteudístico.

A crítica se sustenta, claramente, no suporte semântico, sem se preocupar com os demais aspectos que formam a literariedade de um texto poético. Pouco ou nada o texto nos diz a respeito, por exemplo, da métrica ou da estrutura estrófica utilizadas por Casimiro de Abreu. Mais de noventa por cento das observações que Pedro Luiz de Souza faz se referem ao conteúdo dos poemas e isso é feito de forma a exaltar o livro e o autor. Isso não significa, entretanto, que o crítico não aponte problemas na lírica casimireana. Ao contrário, nela temos alguns dos fundamentos do preconceito da crítica da época em relação à obra do poeta, no que diz respeito ao exagero e à facilidade da rima, à inabilidade em relação a algumas delas (mãe/em), à utilização de elementos considerados não nacionais (rouxinol/carvalhos), assim como a uma leve tendência à repetição de imagens.

Com os anos, os críticos de Casimiro de Abreu foram apagando, pouco a pouco, a pecha de escritor de rima fácil e inábil no trato com a língua materna, mas, definitivamente, embora tenha conquistado o público brasileiro, o autor de *As primaveras* não teria espaço na Academia durante todo o século XX, fascinado pela poesia da ruptura.

Referências:

ABREU, Casimiro de. *Obras completas de Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1895.

ABREU, Casimiro de. *Obras de Casimiro de Abreu*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

BRUZZI, Nilo. *Casimiro de Abreu*. 2. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 1957.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 12. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1964.

NOBERTO, Joaquim. Casimiro de Abreu. *Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 33, p. 295-320, 1870.

SILVA, J. M. Velho. *As primaveras do Sr. Casimiro de Abreu*. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 222-229, nov. 1860 a.

SILVEIRA, Sousa da. Casimiro de Abreu. In: ABREU, Casimiro. *Obras de Casimiro de Abreu*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

SOUZA, Pedro Luiz P. Casimiro de Abreu. *As primaveras*. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1860.